



Resumo

A BOTÂNICA SISTEMÁTICA NA AMAZÔNIA: ENTRANDO EM EXTINÇÃO?

Autores:

Douglas C. Daly (1), Marcos Silveira (2), Carlos Franciscan (3), Ricardo Secco (4), Regina Célia Martins da Silva (5), Michael J. Hopkins (6)

Filiação:

1. New York Botanical Garden, Institute of Systematic Botany, Bronx, NY, USA, 2. Universidade Federal do Acre, Departamento de Ciências Naturais, AC, Brasil, 3. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA, Manaus, AM, Brasil, 4. Museu Paraense Emílio Goeldi, Depto. de Botânica, Belém, PA, Brasil, 5. Empresa Brasileira de Pesquisas da Amazônia-Centro de Pesquisas do Trópico Úmido, Belém, PA, Brasil, 6. Programa de Pesquisa Biodiversidade, Manaus, AM, Brasil

Palavras Chave:

Botânica sistemática, Amazônia, Recursos humanos

Resumo:

O ano de 2007, o bicentenário de Linéu, é uma motivação para avaliarmos o progresso no conhecimento da diversidade biológica. Nos últimos 10 anos, os avanços técnicos e tecnológicos de estudos moleculares e de integração e análise de dados não foram acompanhados por avanços comparáveis na amostragem, documentação e descrição da biodiversidade, pelo menos na Amazônia. Dispomos de ferramentas analíticas potentes, porém, enfrentamos uma escassez crônica de matéria prima: amostras, dados e, principalmente, sistematas. O número de sistematas profissionais ativos baseados na Amazônia brasileira mal chega a cinco. Comparando com a Grã Bretanha, que estatisticamente dispõe de um sistemata para cada três espécies da sua flora e para cada 630 km² do seu território, na Amazônia temos um para cada 10.000 spp. e para cada milhão de km². O levantamento florístico da Amazônia ainda é insipiente, pois, nos últimos anos houve uma diminuição no ingresso de exsicatas nos herbários e uma parte significativa das incorporações está mal determinada, ou então, indeterminada. A maior parte da Amazônia continua sub-amostrada, por exemplo, após 15 anos de preparação do primeiro catálogo da flora acreana, 44% das espécies são representadas por apenas uma coleção do estado. Além disso, o número de alunos da Amazônia cursando programas de pós-graduação em botânica sistemática no Brasil é ínfimo. Aliás, há pouca oportunidade de emprego na Amazônia para novos doutores: mesmo após 17 anos de pedidos, a UFAC, por exemplo, não consegue vaga para realizar concurso para professor efetivo de sistemática. As soluções para esta crise aparentemente são simples: cobrar das instituições regionais o investimento em capacitação e emprego, e pressionar os órgãos governamentais para facilitar pesquisas sobre biodiversidade e desejar buscar, encorajar, adotar, cultivar, treinar e recrutar jovens sistematas para a Amazônia.